

Entre fotografias e fotogramas: um estudo sobre a construção da imagem pública de Juscelino Kubitschek – 1956-1961

Maria Leandra Bizello

Universidade Estadual de Campinas

Pensar a construção da imagem pública de JK parece muitas vezes correr o risco de cair no senso comum. Sua imagem está no imaginário nacional e é sempre seguida por uma série de adjetivos que são sempre repetidos e parecem ser inquestionáveis.

As biografias de Juscelino Kubitschek nos dão algumas pistas na tentativa de compreender como esse personagem nacional é construído por aqueles que foram muito próximos nos diversos momentos de sua vida.

Todos os seus biógrafos se remetem ao seu passado familiar mais longínquo quando imigrantes tchecos chegam ao Brasil e fixam-se em Minas Gerais e ali convivem com moradores de há muito tempo. Esse retorno biográfico – e autobiográfico – é importante para caracterizar alguns traços marcantes de JK: seu jeito cigano, seu gosto pela serenata, pelas festas, pela dança, sua alegria de viver e até mesmo sua vocação política. Há sempre nas biografias essa necessidade de estabelecer uma raiz, um passado para justificar o presente ou a trajetória de Juscelino Kubitschek.

O fato de Juscelino ser uma espécie de *self-made-man* parece não convencer ou ser suficiente para explicar seu sucesso como político, é importante ter uma veia ou um laço genético para a concretização e justificação da vocação política.

A obstinação de JK em estudar para tornar-se médico está sempre ligada à influência de sua mãe, D. Júlia, que jovem viúva viu-se sozinha para criar seus dois filhos. As dificuldades e o enfrentamento de situações adversas para uma mulher só, no início do século XX, amplia a dimensão da força e caráter que a mãe imprimiu nos filhos: professora, D. Júlia alfabetizou Nonô – como era conhecido JK –, sua irmã Naná e negociou com o colégio de padres para que JK ali estudasse.

Ao mesmo tempo em que JK encontra uma série de dificuldades para continuar seus estudos ele também procurou soluções para poder ultrapassar os obstáculos econômicos. A determinação em se tornar médico foi o combustível que o levou à faculdade de medicina. As soluções encontradas à época são sempre exaltadas na medida

em que, socialmente, JK não pertencia às grandes famílias mineiras detentoras do poder político-econômico e social. Não houve concessões para JK: ele trabalhou como telegrafista ao mesmo tempo em que cursou medicina.

As relações com a política iniciaram com a revolução de 1932 quando foi médico do exército, mesmo assim, os biógrafos tendem a assinalar a falta de entusiasmo inicial de JK que é superada quando estabelece laços políticos com figuras centrais da política nacional como Benedito Valadares.

Os adjetivos, nas biografias, vão sempre num crescendo. Para Geraldo Mayrink foi quando JK candidatou-se a deputado federal pelo Partido Progressista de Minas que “começou a fundar seu estilo”¹. Esse estilo remete-se ao seu passado familiar: o pai de temperamento alegre e festeiro e a vocação política herdada de seu tio-avô João Nepomuceno Kubitschek. Nenhum biógrafo economiza nos adjetivos e a imagem que temos de JK é sempre elevada: “[...]o temperamento do novo presidente compreensivo, habilidoso, amável e avesso a exacerbações. (...) o novo presidente transmitia uma imagem de força, disposição para o trabalho e otimismo...² grande comunicador e motivador³...ele comeu a poeira das estradas e jamais perdeu o sorriso⁴.

Cláudio Bojunga, autor de biografia recente compara Getúlio Vargas a JK:

“A substituição de Getúlio por Juscelino revigorou a fé: o pai patriarca à antiga fora sucedido pelo presidente leve, dinâmico, liberal, inquieto. Getúlio havia sido um nacionalista anos 30, isolacionista e sedentário. JK era fraternal, casual, cosmopolita, adorava avião.(...) JK era o obsessivo respeitador da Constituição, manipulava as qualidades alheias, negociava, persuadia, contornava, seduzia adversários, ouvia, levava em conta as bases, não tinha personalidade autoritária – gostava de tirar coelhos de cartolas inexistentes. Getúlio era anticapitalista, confiava mais no Estado que na sociedade e dava precedência à política sobre a economia. JK aceitava de bom grado a desordem capitalista, nunca teve preconceito contra o lucro, era aventureiro, adaptável, preferia a nação ao Estado e sobrepunha a economia à política (...) JK foi uma lufada de ar. Cordial, sorridente, comunicador nato, jovem – kennedyano *avant la lettre* – JK desdramatizava, anistiava, simplificava, driblava crises. (...) Aliando-se aos modernistas, JK encorajou a saga da ruptura, a arte industrial, a aventura da renovação. JK foi a invenção da forma”⁵.

A imagem de JK que nos é legada pelas biografias tem um caráter épico mais acentuado quando do momento de seu governo federal: na versão de Geraldo Mayrink

¹ MAYRINK, Geraldo. *Juscelino*. SP:Círculo do Livro, 1986. (Col. Os Grandes Líderes).

² MAYRINK, Geraldo. Idem. p . 53

³ Idem. p.71

⁴ Ibidem. p . 37.

⁵ BOJUNGA, Cláudio. *JK – o artista do impossível*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.p. 487-8.

esse período mereceu a atenção de dois capítulos: *A todo vapor* e *O céu é o limite*⁶; para Carlos Heitor Cony: *50 anos em 5*⁷; e para Carlos Bojunga: *Brilho*⁸; são sempre devotados a nos dar a idéia das dificuldades e superações de JK frente ao governo. Um político moderno que enfrentava um país essencialmente atrasado. A construção e a inauguração de Brasília são percursos surpreendentes: um líder que promete e faz um povo que sabe construir.

Essa rápida incursão pela imagem construída por palavras em algumas de suas biografias nos remete a uma imagem predominantemente pública, entremeada por alguns episódios de caráter privado. A representação visual nessas biografias é ilustrativa e confere uma espécie de legitimidade ao texto. A memória visual inscrita ao lado do texto foi, no entanto, em algum momento concebida e destinada ao público.

Partimos dessa memória visual para entender a construção da imagem pública de Juscelino Kubitschek e aqui nos interessa a visibilidade que teve a partir dos meios de comunicação de massa de então e mais precisamente as revistas *O Cruzeiro* e *Manchete* e filmes institucionais.

O ESPETÁCULO DA POLÍTICA

A política e o político são instâncias de poder estabelecido em todas as sociedades, são manifestações da vida social. Isso não significa que o fenômeno da *política tem sempre a primeira e a última palavra* na sociedade e, no entanto moldam e influenciam acontecimentos de alguma forma, mais ainda, *o político é o ponto para onde conflui a maioria das atividades e que recapitula os outros componentes do conjunto social*.⁹ Ele, o político (...) *é uma das expressões mais altas da identidade coletiva: um povo se exprime tanto pela sua maneira de conceber, de praticar, de viver a política tanto quanto por sua literatura, seu cinema e sua cozinha*¹⁰.

⁶ MAYRINK, Geraldo. Op.cit. pp.63-79.

⁷ CONY, Carlos Heitor. *JK: como nasce uma estrela*. Rio de Janeiro:Record, 2002.p.71.

⁸ BOJUNGA, Cláudio. Op.cit.

⁹ RÉMOND, René. “Do político”. RÉMOND, René(org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro:Editora UFRJ/Editora FGV, 1996. p.447.

¹⁰ Idem, p. 449-50.

Essa relação do político com as outras expressões da sociedade nos permite entendê-lo globalmente como *um ponto de condensação*¹¹, uma força atuante e constitutiva do imaginário e da imaginação coletiva. O poder e o Estado configuram-se como palco de um espetáculo, pois o conjunto de manifestações a que chamamos políticos

“não consegue manter-se nem pelo domínio brutal e nem pela justificação racional. Ele só se realiza e se conserva pela transposição, pela produção de imagens, pela manipulação de símbolos e sua organização em um quadro cerimonial.”¹²

A representação visual do político é então parte constitutiva do poder não apenas em nossa contemporaneidade mas em todas as sociedades, de todos os tempos. Os meios visuais pelos quais os políticos se mostravam e se relacionavam – e ainda o fazem – com o povo estavam ligados não apenas a momentos ritualísticos, mas ao cotidiano. Um aspecto desse cotidiano que ainda permanece é a imagem do rosto do político gravada na superfície de moedas ou impressa em cédulas em papel. Tal visibilidade aliada à materialidade da troca econômica nos permite refletir sobre o alcance e a constituição da imagem, as relações que estabelece entre o político, o econômico e a memória visual de uma sociedade.

Mas que imagem é essa a do político numa moeda? É a imagem pública, aquela na qual ele se revela para a sociedade que governa e pela qual estabelece sua visibilidade. É claro que essa não é a única via de ligação pela qual o político se mostra ao povo, e ao público. A noção do político e do poder como espetáculo leva em conta uma série de maneiras utilizadas para essas relações.

Na contemporaneidade esse universo político ganha outras dimensões, os meios de comunicação de massa mudam consideravelmente as relações entre o político, o povo e a produção de imagens do político. Mais uma vez nos reportamos a Balandier para compreender esse movimento:

“A multiplicação e a difusão dos meios de comunicação modernos modificaram profundamente o modo de produção das imagens políticas. Elas podem ser fabricadas em grande quantidade, por ocasião de acontecimento ou de circunstâncias que não têm necessariamente um caráter excepcional. Elas adquirem, graças aos meios audiovisuais e à imprensa escrita, uma força de

¹¹ Ibidem, p.445.

¹² BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Trad. Luiz Tupy Caldas de Moura. Brasília: Editora UNB, 1982. p.07.

irradiação e uma presença que não se encontram em nenhuma das sociedades do passado. Elas se tornam quotidianas; isto quer dizer que elas se tornam banais e se desgastam, o que exige renovações freqüentes ou a criação de aparências de novidade.”¹³

A imagem pública de Juscelino Kubitschek pertence ao universo político que já tem os meios de comunicação incorporados ao aparato estatal.

Nesse sentido, Getúlio Vargas foi o político que utilizou intensamente esses meios, durante o Estado Novo, constituindo um Departamento de Imprensa e Propaganda – o DIP – com o objetivo claro de construir e promover a sua imagem como governante além de conduzir o espetáculo, a teatralização das comemorações e uma série de eventos para exaltar e marcar seu poder. Os fotógrafos e cinegrafistas do DIP não dominavam apenas a técnica da fabricação de imagens mas tinham a percepção de estarem “educando” olhos e mentes para o Estado Novo.

O fim desse período significou a extinção do DIP, o Estado-espetáculo, como nos diz Schwartzberg¹⁴ continuou a existir com outros personagens-políticos. A imagem de Getúlio Vargas em seu segundo mandato, na década de 1950, não teve um suporte de construção como o DIP e, no entanto, já desde o início da Revolução de 1930 ele era uma figura privilegiada pela imprensa escrita¹⁵ o que continuou até mesmo depois de sua morte.

Juscelino Kubitschek é entendido por muitos estudiosos e mesmo na tradição política como um herdeiro de Getúlio Vargas. Tal como este último antes de sua morte, JK não tinha um departamento ou secretaria que cuidasse de sua imagem. Ele possuía um carisma que podemos classificar de *natural* e atuava muito bem no palco da política. No cenário político de então ele representou o político líder, charmoso, um herói que propôs e levou a frente uma epopéia, um personagem transformador.

Sabemos que o governo JK não possuiu um aparato de propaganda semelhante ao DIP e quando governador de Minas Gerais usou de estratégias administrativas menos agressivas para se relacionar com o povo e divulgar sua imagem ainda no âmbito

¹³ BALANDIER, Georges. Op.cit. pp.62-3.

¹⁴ SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. *O estado espetáculo: ensaio sobre e contra o star system em política*. Trad. Heloysa de Lima Dantas. Rio de Janeiro/São Paulo:Difel, 1978.

¹⁵ Ver estudo de OLIVEIRA, Eduardo Romero de. *Getúlio Vargas, a personagem em questão: ensaio sobre a constituição da figura do poder*. Dissertação de mestrado. São Paulo:Universidade de São Paulo, 1995.

regional¹⁶; organizando uma equipe de redação formada por jornalistas, escritores e poetas que eram responsáveis pela elaboração de discursos, pela correspondência com as instituições de âmbito público e privado e com os particulares, ele se relacionou amplamente com a população tendo o cuidado e a percepção das particularidades de cada público.

Desde a campanha para a presidência Juscelino Kubitschek teve sua imagem divulgada por todo o país. Presidente empossado sua imagem estava, se não diariamente, pelo menos, semanalmente nos periódicos nacionais.

As revistas *O Cruzeiro* e *Manchete* foram dois periódicos que tomaram importância nessa relação entre o político, a constituição de sua imagem e a teatralização e espetáculo em torno do poder. Os homens de comunicação, proprietários desses veículos, estabeleceram relações diferentes com JK e seu governo.

Assis Chateaubriand, grande empresário da imprensa escrita e pioneiro da televisão no Brasil não garantiu o mesmo apoio que dera a Getúlio Vargas quando Juscelino foi presidente. *O Cruzeiro*, seu maior sucesso editorial, fez oposição não agressiva, mas constante a JK; David Nasser, seu repórter mais conhecido, desferia críticas a Juscelino que atingiam além de sua prática administrativa, sua vida pessoal.

Mas, na década de 1950, *O Cruzeiro* não estava sozinha no mercado de comunicação: Adolpho e Oscar Bloch, irmãos cuja família já trabalhava no setor gráfico, detectaram, com perspicácia, o buraco que existia entre os periódicos voltados para a informação e o entretenimento.

Manchete entrava no mercado como única concorrente de *O Cruzeiro* e tentava competir de igual para igual tanto na constituição de seu quadro de profissionais, com a contratação de fotógrafos e jornalistas, quanto na concepção e o uso da fotografia¹⁷.

A revista apresenta-se moderna, para acompanhar a velocidade das mudanças que o Brasil estava enfrentando. Ela procurava não apenas ressaltar a face moderna do país, mas inseri-lo no mundo moderno.

O governo de Juscelino Kubitschek pareceu cair como uma luva aos propósitos da revista que foi amistosa aos seus empreendimentos durante todo o período em que

¹⁶ SIMÕES, Josanne Guerra. *Sirênico Canto – Juscelino Kubitschek e a construção de uma imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

¹⁷ SILVA, Adriana Hassin. Op.cit. faz uma listagem desses profissionais.

governou como presidente. A amizade e a simpatia mostraram-se nas reportagens de Manchete¹⁸, mais positivas à figura do presidente do que a imprensa de uma forma geral e mais especificamente a O Cruzeiro.

Essa aproximação foi compreendida por Pedro Augusto Gomes Santos¹⁹ por um viés ideológico, ou seja, Manchete seria um aparelho ideológico atrelado ao Estado nacional-desenvolvimentista que daria suporte a este no sentido de cooptar a população para os seus fins. No entanto, a preocupação da revista estava muito mais em dominar o mercado editorial, antes inclusive de JK ser candidato a presidente. Não podemos, entretanto deixar de concordar que Manchete serviu aos propósitos de Juscelino e à conformação de sua imagem pública.

A viagem de Juscelino Kubitschek aos Estados Unidos e Europa em janeiro de 1956 antes de sua posse na presidência nos parece um ponto de partida para a análise de sua imagem.

A crise política que se instalara desde a morte de Getúlio Vargas em agosto de 1955, não ficou menor com as eleições e a escolha de JK a presidente. A idéia da viagem está ligada à intenção de construir uma imagem além de tentar um hábil estreitamento de laços com a imprensa. Juscelino também estava interessado em mostrar-se invulnerável frente aos últimos acontecimentos que procuraram abalar tanto sua candidatura quanto sua posse, resguardando-se de ataques diretos e agressivos da oposição:

“Enquanto os inconformados se digladiassem no Brasil, numa desprimorosa manifestação de provincianismo político, eu estava no exterior em contato com os chefes de Estado e com os líderes das grandes nações realizando entendimentos sobre os recursos que pudessem ser facilitados para a execução do meu programa de metas. Haveria, além disso, outra vantagem ao realizar aquela excursão: os brasileiros só tomariam conhecimento do que ocorria comigo através da imprensa. Seria uma maneira de estar presente na memória do povo, não em ligação pessoal e direta, mas de uma maneira simbólica, por intermédio de uma imagem.”²⁰

¹⁸ Tal simpatia não era apenas uma relação profissional mas Adolpho Bloch e Juscelino Kubitschek desenvolveram um estreito laço de amizade. A Bloch Editores não apenas editou os volumes de autobiografia de JK mas o amparou em momentos difíceis da vida principalmente nos anos 1970, quando JK foi perseguido e vigiado pelos militares.

¹⁹ SANTOS, Pedro Augusto Gomes. *A classe média vai ao paraíso: JK em manchete*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

²⁰ KUBITSCHKEK, Juscelino. *A escalada política – Meu caminho para Brasília*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1976. vol. 2.

A viagem foi assim uma habilidosa “jogada” político-propagandística procurando JK, num momento político delicado, o apoio internacional para fortalecer-se frente à população brasileira, que lhe dera 36% dos votos válidos²¹, e à oposição nacional. Assim, era necessário enfrentar a maioria que não o elegera, mostrando através de imagens o que ele acreditava e iria realizar. Mostrar as possibilidades do país ao mundo era para JK um bom e fundamental início. A cobertura que as revistas *O Cruzeiro* e *Manchete* deram a essa viagem nos dá algumas pistas do desejo de Juscelino Kubitschek em ter uma imagem.

O Cruzeiro, nas edições do mês de janeiro, preferiu abordar JK numa espécie de continuidade de sua campanha eleitoral, a viagem pareceu não interessar muito à revista. No exemplar do dia 21 de janeiro de 1956 há imagens de Juscelino embarcando no avião para o início da viagem, mas na semana seguinte o rosto do presidente está ao lado da fotografia de Benedito Valadares, ambas ilustrando um artigo sobre as ameaças e oposições a sua candidatura.

Em *Manchete* a crise política também é enfatizada, mas a viagem tem uma ampla cobertura nos exemplares dos dias 14 e 21 de janeiro de 1956. As reportagens estão fartamente ilustradas com fotografias de JK encontrando-se com Foster Dulles, Richard Nixon, Eisenhower nos Estados Unidos, príncipes, rainhas e ministros de estado na Europa. No entanto, a indefinição quanto à composição de seu ministério parecia mais urgente aos periódicos, e também a *Manchete*, que alardeavam uma crise longe de ter solução.

Mas a viagem não foi objeto apenas dos periódicos, o cinema também movimentou-se para seguir JK. A Jean Manzon Films, produtora de filmes institucionais e documentários na época, fez um documentário sobre a viagem. **O mundo aclama o Brasil** parece, à primeira vista, uma série de notícias sobre Juscelino nos Estados Unidos e Europa. O filme sublinha as imagens de encontros, visitas e banquetes com um narrador que não apenas descreve e reforça a imagem, mas nos dá as informações do que JK está discutindo com quem encontra, quais suas intenções com esse caminho que percorre

²¹ BENEVIDES, Maria Victoria M. “O governo Kubitschek: esperança como fator desenvolvimento”. GOMES, Ângela de Castro(org.) *O Brasil de JK*. RJ:Ed. da Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1991. pp.09-22.

antes da posse presidencial. Vejamos a narração no momento em JK está a caminho da Holanda:

NARRAÇÃO: Incansáveis, o homem e a máquina vão atravessar o Atlântico rumo à Europa. O avião é o hotel do viajante, o seu lar, o seu restaurante provisório. Primeira escalada no velho continente: A Holanda. Juscelino pôde dizer aos bons imigrantes que o Brasil, terra fabulosa, os espera de braços abertos. Pôde dizer ao lavrador europeu que ele encontrará durante os anos de seu governo um país que difundirá ao máximo a mecanização da lavoura, onde as famílias estrangeiras possam encontrar em paz, possibilidades e segurança. Temos campos no sul para a reprodução do gado europeu sempre e em maior escala. Temos petróleo para suas sondas. A longa viagem é afinal, uma oportunidade para novos confrontos do papel do Brasil na situação atual do mundo.

Na Holanda, pátria do trabalho dirige-se o presidente ao palácio onde a Rainha Juliana o recebe como futuro chefe de uma nação verdadeiramente amiga.

Abrem os jornais largo espaço à presença do mensageiro da boa vontade. Mas chega o momento de partir em direção a outros portos. Em Amsterdã as altas personalidades holandesas saúdam o representante do jovem país da América do Sul cujo povo recebeu a influência e o sangue saudável da disciplinada gente dos países Baixos.

Desde a sua intenção em relacionar-se com o povo através de imagens, as palavras de JK, nos dá a dimensão das relações que começavam a se estabelecer entre o presidente e os meios de comunicação. As tensões e os conflitos entre ambos estiveram constantemente estampados nas páginas das revistas e na tela de cinema. Podemos perceber que essa imagem pública não tem apenas um sentido épico, nem tão somente positivo, mas caminha muito mais para estabelecer a visibilidade de um cotidiano marcado pelos encontros, reuniões e viagens nem sempre com um sorriso em aberto.





Manchete n.195 – 14 de janeiro de 1956
O conselho de Kubitschek a um jornalista que gosta de café



O Cruzeiro – 14 de janeiro de 1956 –
n. 13 – ano XXVIII
Artigo: Jucelino na etapa final da
corrida ao Catete

ena. Trad. Luiz Tupy Caldas de Moura.

- BOJUNGA, Cláudio. *JK – o artista do impossível*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- CONY, Carlos Heitor. *JK: como nasce uma estrela*. Rio de Janeiro:Record, 2002.
- GOMES, Ângela de Castro(org.) *O Brasil de JK*. RJ:Ed. da Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1991.
- KUBITSCHKEK, Juscelino. *A escalada política – Meu caminho para Brasília*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1976. vol. 2.
- MAYRINK, Geraldo. *Juscelino*. SP: Círculo do Livro, 1986. (Col. Os Grandes Líderes).
- OLIVEIRA, Eduardo Romero de. *Getúlio Vargas, a personagem em questão: ensaio sobre a constituição da figura do poder*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1995.
- RÉMOND, René(org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ Editora FGV, 1996.
- SANTOS, Pedro Augusto Gomes. *A classe média vai ao paraíso: JK em manchete*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. *O estado espetáculo: ensaio sobre e contra o star system em política*. Trad. Heloysa de Lima Dantas. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1978
- SILVA, Adriana Hassin. *A modernidade em alvorada: Brasília e a imagem do Brasil moderno no fotojornalismo d'O Cruzeiro e da Manchete (1956-1961)*. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.
- SIMÕES, Josanne Guerra. *Sirênico Canto – Juscelino Kubitschek e a construção de uma imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.